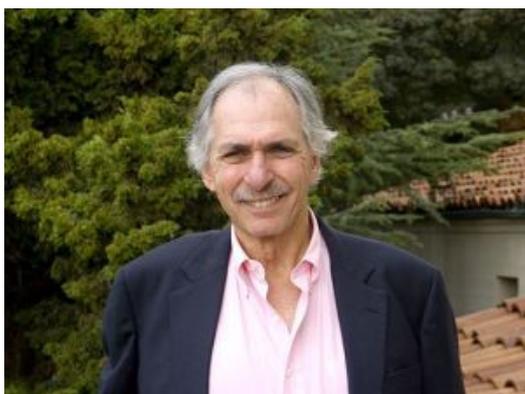


O sucesso escolar cubano

Raymundo de Lima*

O socialismo cubano desperta tanto simpatia pelos avanços nas áreas da educação, medicina, esportes, como causa indignação por sua insensibilidade para com o pedido de Yoani Sánchez (ver YouTube) vir ao Brasil receber um prêmio e a situação-limite dos dissidentes cubanos morrendo em greve de fome. Lembro-me de José Saramago, que como esse escriba apoiou a Revolução Cubana, em 2003, após a execução de três dissidentes, escreveu num artigo desabafando: *“Até aqui cheguei. De agora em diante, Cuba segue o seu caminho, e fico”* (*El País*) Também eu fico... perplexo com o resultado ambíguo do socialismo real cubano: por um lado é progressista nessas áreas acima mencionadas, e, por outro, é inegavelmente retrógrado, conservador, anacrônico, totalitário.



Martin Carnoy

Ficou ainda perplexo com uma esquerda que é cúmplice silêncio e omissão. Mas, apesar dessas contradições, há que considerar que “la revolucion” sustenta avanços principalmente no campo da

educação. Nesse sentido, me apoio na pesquisa do economista Martin Carnoy, da Universidade Stanford, EUA, que compara o sucesso e fracasso de alguns países das Américas, e conclui que a bem-sucedida educação cubana é proveniente de cinco fatores básicos, resumidos a seguir:

1) A causa principal para os alunos cubanos se destacar nas provas é que os professores têm mais domínio da disciplina e têm uma clara ideia de como ensiná-la. O Estado cubano patrocina uma boa formação dos professores traduzida na sua disciplinarização para ensinar o currículo integralmente, com pouca variação. Os professores cubanos têm mais domínio das disciplinas, aprende muito sobre didática específica (saber como ensinar), e como mobilizar os alunos em sala de aula. Já no Brasil, em nome da autonomia os professores tendem a fugir do currículo, falta-lhes clareza sobre como ensinar os conteúdos e não sabem como mobilizar os alunos para aprender.

2) “Em Cuba, diretores e vice-diretores supervisionam de perto o trabalho docente, entrando constantemente em sala para ver se o currículo está sendo cumprido e como é ensinado. Os educadores estão acostumados a ser apoiados didaticamente e ser avaliados pelos gestores... No Brasil, raramente os diretores visitam as salas de aula. Os professores brasileiros não são ensinados a ensinar o currículo. Eles estudam teorias e têm de aprender a

lecionar na prática, o que não é um bom método", compara Carnoy. Um monitoramento do trabalho do professor em sala de aula, no Brasil, ainda é associado a "supervisão" do tempo da ditadura militar com fins de controle político-ideológico do/a professor/a.

3) O professor cubano exige dos alunos muita dedicação aos estudos. "O modelo cubano contribui para que o aluno veja no professor mais que um exemplo, mas que tenha com ele uma relação próxima de confiança e cumplicidade", diz Carnoy.

4) O tempo em sala é monitorado. "Filmamos aulas de Matemática da 3ª série em 36 escolas de Cuba, do Chile e do Brasil e descobrimos que, na ilha, elas são mais focadas na aprendizagem do que nos outros dois países... Em Cuba, a turma trabalha mais, as perguntas do educador levam todos a pensar e ele não para a toda hora para pedir atenção. O aluno cubano fica o dia todo na escola, com apenas um professor. Lá, 41% do tempo é reservado às tarefas individuais. A vantagem é que os alunos realmente trabalham em 38% do período resolvendo problemas e fazendo exercícios. Enquanto isso, o professor circula entre as carteiras, orientando e tirando dúvidas. Por outro lado, o período dedicado à cópia de instruções é baixo: apenas 2%". No Brasil, a escola de tempo integral ainda é projeto na maioria dos estados e municípios. O tempo que o aluno gasta para copiar é três vezes superior ao verificado em Cuba. Por inabilidade, o professor brasileiro deixa o aluno se desligar de se concentrar na aula ou na tarefa, daí as conversas paralelas e brincadeiras.

5) Os melhores alunos cubanos são incentivados para a carreira docente. O mesmo acontece na Finlândia e Coréia do Sul, ambos com escolas de alta

qualidade. No Brasil, os melhores alunos não se interessam pela carreira docente. A maior parte dos nossos professores não é formada nas melhores universidades. Cursos de biológicas e exatas não investem nas suas didáticas específicas, e poucos formandos desenvolvem o interesse na docência; hoje faltam professores para essas áreas.

Críticas e comentários

Existem críticas dirigidas a Martin Carnoy (uma delas é do prof. Paulo Ghirdelli – ver abaixo nas referências), porque ele não questiona sobre a falta de autonomia dos professores em sala de aula, o "centralismo" do sistema educacional cubano. Em determinados momentos de sua conferência, Carnoy declara que a existência de falta de controle do Estado sobre os professores na sala de aula, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, não gera bons resultados. Noutros termos, no mínimo é curioso o professor de Stanford não questionar o controle rígido do Estado cubano sobre as escolas, à vigilância ideológica nos currículos, ainda que valorize o monitoramento didático-pedagógico. Todavia, o seu livro "A vantagem acadêmica de Cuba" (Ediouro e Fund. Lemann) contribui para fazermos comparações mais abalizadas ou sistemáticas, e também autocríticas do modelo educacional brasileiro que parece primar pela "autonomia" docente em sala de aula.

Acrescento ainda, que, nas minhas conversas com colegas e amigos do meio acadêmico e escolar – refiro-me as alunas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e com professores-orientandos do programa de Capacitação Continuada para professores do Paraná (PDE do Paraná) – confesso que fiquei surpreso de eles rejeitarem

veementemente o estilo escolar cubano, principalmente o item 2, que trata da “supervisão” ao trabalho do professor na sala de aula.

Parece-me contraditório um professor brasileiro ser favorável regime cubano, mas rejeitar tal medida de monitoramento do trabalho docente, com o argumento de ele ser “autoritário”, “antidemocrático”, “centralizador” etc. Claro, “em Cuba o professor precisa ensinar de uma forma única, tal como o controle de uma linha de montagem de uma fábrica”, observa Carnoy na sua conferência. Mas, talvez, podemos reconhecer um lado “positivo” ou estritamente “pedagógico” nesse tipo de procedimento: *o diretor ou supervisor assiste às aulas, pelo menos duas vezes por semana, anota as falhas do estilo do professor, depois uma reunião é marcada para “trabalhar” como o professor deve corrigir o seu estilo, para melhorar o resultado do seu ensino, que deve ser aferido na aprendizagem dos alunos.*

Portanto, esse monitoramento do diretor/supervisor pode ter um sentido didático-pedagógico, ou seja, *não se trata de um controle ideológico*, mas sim, de um acompanhamento sobre “como o professor dá sua aula”. Existem professores excelentes que sabem ensinar, como existem professores que não sabem ensinar. Existem professores que se relacionam bem com os alunos; se um aluno ou a turma demonstra desinteresse, ou não estabelecem relação-com-o-saber (CHARLOT, 2005), não cabe ao professor insultar, mas sim “trabalhar” o aluno ou a turma. Alguns professores de nossa época ‘complexa’ não sabem como se posicionar “profissionalmente” diante da conduta resistente do aluno mais ligado ao gozo das imagens prontas que ele absorve da TV e da

internet, em vez de trabalhar o pensamento paradigmático (estrito ou defasado) dos conteúdos do currículo escolar.

Existe ainda um fator desconsiderado pelas nossas pesquisas educacionais: **primeiro**, a falta de vocação de muitos professores para esse ofício. Na universidade produtivista, os professores vocacionados para fazer pesquisa tendem por em segundo plano o seu aprimoramento para o ensino. Convivemos com a pressão para o professor ser pesquisador: ser *professor-pesquisador*, na prática, não funciona esse hífen, sobretudo aqueles mais afinados com a “arte de ensinar” (KOURGANOFF, 1990; PEREIRA, 2000). **Segundo**, os professores brasileiros não aprenderam “como ensinar” (ver Pesquisa da Fundação Carlos Chagas/ 2006 – publicada na Nova Escola, outubro, 2006). **Terceiro**, os professores, no Brasil, não se sentem apoiados – tanto pedagogicamente como psicologicamente. Isto é, não podemos desconsiderar os “bons” professores que passam sofrendo transtornos psicológicos adquiridos no trabalho docente: professores com depressão, fobia escolar, *stress* ocupacional, *burnout*, etc. Esses fatores subjetivos boicotam o bom desempenho do professor e causam baixo rendimento na aprendizagem dos alunos.

Existe ainda o sadismo (ZUIN, 2008) reproduzido como “jeito de ensinar” de alguns professores ou como cultura de determinados cursos. O sadismo no meio escolar-universitário também demanda uma resposta masoquista dos alunos; caso contrário – uma resposta em forma de resistência isolada, ou crítica aberta ao professor/a, ou rebelião formalizada pela turma, podem levar o/a professor/a despreparado/a se vingar dos alunos. Ora, o/a professor/a

realmente preparado e monitorado responderia “profissionalmente”, seguindo a ética docente.

Ou seja, há que considerarmos o alerta de Carnoy: se não houver alguma mudança no sentido de “trabalhar” os defeitos no modo de ensinar dos nossos professores a partir das observações colhidas nas salas de aula, eles continuarão reproduzindo erros no ato de ensinar e resultados negativos na aprendizagem dos alunos. Isso vale para o nosso ensino escolar e universitário. (RL/2010).

Referências

CARNOY, M. **A vantagem acadêmica de Cuba**: porque seus alunos vão melhor na escola. São Paulo: Edipro e Fundação Lemann, 2007. Disponível um capítulo do livro em: <http://www.avantagemdecuba.com.br/download/s/Trecho.pdf>

_____. **É preciso controlar o que acontece na sala de aula**. Disponível em: http://www.lideresemgestaoescolar.org.br/conteudoPortugues/modelos/galeria_videos.aspx?codConteudoPrincipal=244&codTipoConteudoPrincipal=noticia&posicao=16

_____. **Os professores precisam aprender a ensinar**. Também disponível em: http://www.lge.org.br/conteudoPortugues/modelos/adm_galeria.aspx?codConteudo=570&codTipoConteudo=foto

_____. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. P. Alegre: ArtMed, 2005.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **Paulo Freire versus Martin Carnoy**. Disponível na internet: <http://ghiraldelli.wordpress.com/2009/08/13/freire-carnoy/> Publicado em 2009.

_____. **Paulo Freire versus Martin Carnoy**. Disponível na internet: http://www.lideresemgestaoescolar.org.br/conteudoPortugues/modelos/conteudo_noticia.aspx?codConteudo=244&codTipoConteudo=noticia#

_____. **A face oculta da universidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

KOURGANOFF, W. **A face oculta da universidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

NOVA ESCOLA. **A origem do sucesso (e do fracasso escolar)**. Texto de Thais Gugel. rev.Nova Escola, outubro/2006, p.48-61. Também disponível na internet: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/origem-sucesso-fracasso-escolar-419845.shtml>

_____. **O blábláblá da educação. O discurso vazio**. (entrevista minha concedida para a matéria). Edição de dezembro de 2008, p. 42-51. Também disponível na internet: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-inicial/discurso-vazio-466745.shtml>

PEREIRA, J.D. **A formação de professores**: pesquisa, representações e poder. BH: Autêntica, 2000.

ZUIN, Antonio. **Adoro odiar meu professor**: o aluno entre a ironia e o sarcasmo pedagógico. Campinas: Autores Associados, 2008.



* **RAYMUNDO DE LIMA** é Professor do DFE-UEM, Coordenador Adjunto do Curso de Pedagogia da UEM, doutor em Educação pela USP.